

## **QUEER, NO SINGULAR E NO PLURAL**

*Entrevista com Dr. João Nemi Neto*

João Nemi Neto é doutor em Letras-Literatura Ibéricas e Luso-brasileiras pela *City University of New York* – CUNY. A graduação foi em Letras (Inglês/Português) e o mestrado em Educação em ensino de Português, ambos pela Universidade de São Paulo - USP. Hoje trabalha como professor de Língua Portuguesa e Culturas brasileira e lusófona na Columbia University, em Nova Iorque. Faz parte do grupo de pesquisa GELiDis – Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação – da Universidade de São Paulo. Suas pesquisas focam a Teoria Queer, a Pedagogia Queer, Cultura Brasileira e Mídias Visuais. No próximo ano ele lança seu livro “*Antropophagic Queer: Brazilian Contemporary Cinema*”, pela *Wayne State University Press*, onde discute teoria Queer e o cinema LGBTQIA+ brasileiro.

Paulo Negri Filho

[paulonegriuem@gmail.com](mailto:paulonegriuem@gmail.com)

Doutor em Ciências da Comunicação e professor adjunto do curso Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Nívea Bona

[bonanivea@gmail.com](mailto:bonanivea@gmail.com)

Doutora em comunicação pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (UniSinos)

DOI: 10.21882/ruc.v7i13.806

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 04/11/2019

### **Existe diferença entre Estudos *Queer* e Teoria *Queer*? Se existe, qual a diferença?**

É um pouco difícil pensar, porque tem sempre a questão de tradução. *Queer* – historicamente se pensa em xingamento, que foi incorporado e o ativismo político criou numa tentativa de reverter essa carga negativa da palavra. Essa ideia então começa a ser discutida na academia e no começo dos anos 90 se forma a *Queer Theory* – uma teoria que vai abarcar esses conceitos *Queer*. Junto com isso, tem o *Queer Studies*, que é uma área de estudos. Em inglês, a diferença desse *Queer Studies* são todas as pessoas que de alguma maneira, estão trabalhando com teorias *Queer*. Quando eu escrevi o doutorado decidi colocar no plural mesmo, *Teorias Queer*, porque ela pode trabalhar a partir de várias perspectivas. Pode ser tanto um modelo teórico, como, por exemplo: eu trabalho com Pedagogia como professor e faço pesquisa; uso o modelo teórico da teoria *Queer* para aplicar na pedagogia. Assim como tem gente que faz isso na Antropologia e na Sociologia. E tem gente que faz teoria *Queer* pura. Acho que isso tudo está dentro do *Queer*

*Studies*, então depende de como você trabalha com o conceito.

### **Qual foi teu objeto de pesquisa no doutorado e a quais resultados você chegou?**

O meu doutorado é um Frankenstein (risos). A minha ideia inicial era tentar entender como a teoria *Queer* e estudos norte-americanos fazem a transição para o Brasil. Como essa teoria chega no Brasil e como pensar, se por exemplo, o termo *Queer* é relevante para a perspectiva brasileira e como esse termo chegou no Brasil. Por exemplo: pensar em *gay* – que é uma palavra que chegou, não só no Brasil, mas em muitos outros países, como um termo para garantir a identidade homossexual para homens e em alguns países para mulheres – a partir disso, fazer uma leitura “antropofágica” da teoria *Queer*; eu queria resgatar a antropofagia de Oswald de Andrade, porque tem o conceito machista através de Oswald, tentar reverter um pouco a leitura da antropofagia. Por isso a minha tese se chama “O *Queer* antropofágico”. Queria fazer uma leitura antropofágica da teoria *Queer* a partir da literatura e do cinema. Tem um capítulo sobre a literatura e outro sobre o cinema. Seria, no modelo utópico oswaldiano devorar a teoria *Queer* dentro de uma perspectiva brasileira. E se essa teoria seria ou não relevante para nós.

### **Existe essa relação entre o termo *Queer* e a visibilidade ou invisibilidade do sujeito homossexual?**

Sim, esse é um dos grandes pontos que Foucault discute. No momento em que se medicaliza o indivíduo, esse indivíduo passa a existir dentro da sociedade. Não que não existam práticas homossexuais antes, mas

porque muita gente tem dificuldade de entender essa perspectiva do Foucault. Ele não está negando que o homossexual surgiu no século XIX, mas a categoria surge no século XIX através da medicina e da medicalização, porque é visto como uma disforia, uma doença que precisa ser tratada, junto com várias outras que surgiram na época. Dar nome às coisas é a questão da linguagem. Quando você passa a dar um nome, esse objeto, essa pessoa, essa ideia passa a existir socialmente. Temos que pensar em termos de linguagem, se a sociedade vai aceitar ou se isso vai desaparecer, e aí é uma questão vocabular. A terminologia é importante para a questão de visibilidade, sim. E para a questão das identidades. O que acontece hoje, é que as identidades foram se multiplicando: ser gay, ser hetero, ser bissexual já não responde aos anseios de pessoas que estão experimentando a sexualidade e tentando entender suas próprias identidades. Eu tenho 40 anos e venho de uma geração que, ou você era gay ou você não era. Hoje em dia esse questionamento vai muito além disso, porque as pessoas estão tentando entender outras formas de identidade.

A nomenclatura é importante para que se faça ativismo político, é preciso politicamente dar nome às coisas, para que possamos entender quais são as nossas identidades hoje. O surgimento do termo gay nos anos 50 para identificar essa categoria é importante porque passa a dar visibilidade à essas pessoas. É preciso questionar, também, como se dá essa visibilidade. Se pensar no cinema de Hollywood dos anos 50 e 60, é um tipo caricatural que responde a uma identidade, não responde a todas. Isso vai se modificando nos anos 50, 60 e 70 e é onde o termo *Queer* volta, porque havia muita gente que se sentia insatisfeita com a limitação da comunidade gay.

Misoginia, por exemplo, é questão muito importante para se discutir no meio gay, que é um meio muito misógino, por exemplo.

**Com relação a terminologia, gostaria que você comentasse sobre a questão do LGBTQIA+ no Brasil e se existe um paralelo nos Estados Unidos para esse tipo de discussão?**

O primeiro termo que surgiu nos EUA foi *GLBT* – gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Por uma questão do movimento feminista, se inverteu para *LGBT*. Esse termo chegou no Brasil da mesma forma. No Brasil houve um momento que se incorporou *LGBTI*, porque as transexuais, as travestis queriam entender as identidades de maneiras distintas. Ser homossexual e ser travesti eram coisas importantes para que elas pudessem se identificar. Depois voltou para um *T* só, mas marcando essas duas identidades. Nos EUA hoje, o termo é *LGBTQAI* – incorporou o *Queer*, *Intersex* (pessoas que nascem em condições físicas e genéticas e são *intersex*), *Assexual* (pessoas que não tem desejo sexual), *Ally*. O paralelo é o mesmo, essa ideia veio do ativismo americano e chegou no Brasil posteriormente. Fazendo um paralelo sobre a história, no Brasil nos anos 90 se falava muito em *GLS*. A sigla foi criada por um estilista de moda em 92 e foram as camisetas que fizeram muito sucesso. O começo desse movimento LGBTQ no Brasil, foi através dessas camisetas *GLS*; se comprava a camiseta com o “G” grande, “L” grande ou “S” grande. O “S” de simpatizante. Gays, lésbicas ou simpatizantes. Esse termo hoje já não responde as ansiedades. Eu ainda tenho a minha camiseta guardada. Na época, eu não tinha coragem de usar a camiseta com o “G”. Eu tinha 17 anos. Isso é interessante para pensar como a moda discute essas questões.

**Quais seriam as principais aproximações entre a comunicação social e os estudos *Queer*? Quais as interfaces que você enxerga?**

Eu estou descobrindo ainda. Sou um estranho no ninho aqui, no Alaic. Para mim é tudo muito novo. Eu percebo que muito do que se fala em teoria de comunicação, dos clássicos, desde Bahktin e Percheron, são questões importantes quando se pensa em questões de gênero. Além das questões sociais e de gênero, são também questões de gênero textuais. Estão conectadas. Da mesma maneira que se entende gênero social, ele acaba interferindo na maneira que se entende o gênero do discurso, e vice-versa. No caso do português, uma língua tão marcada pelo gênero, isso acaba interferindo. A telenovela, objeto que tenho trabalhado, acaba sendo um gênero predominantemente feminino. Muitas pessoas ainda falam: “as mulheres que assistem as telenovelas ainda hoje”. Só nesse pequeno ponto, nós pesquisadores, ainda estamos usando estas expressões. A teoria *Queer* pode contribuir para dizer: quem são essas pessoas, de que maneira elas estão se comunicando e de que maneira elas estão se relacionando com a telenovela? Porque a telenovela é um gênero exclusivamente feminino? De onde vem essa ideia e como pensar nessas questões de gênero do discurso? Eu tenho pensado na questão da recepção, que é uma coisa que vem da literatura, de como a gente recebe esses diversos gêneros. A Daniela Jakubaszko, que é a minha parceira de pesquisa, tem trabalhado bastante com essas questões, e por isso trabalhamos bem juntos. A gente consegue achar esse caminho entre a comunicação, a literatura e a teoria *Queer*, nessas conexões nas questões de gênero.

Por ser brasileiro e por estar nos EUA, queria que você comentasse como tem visto a abordagem da temática nas pesquisas LGBTQIA+ nos EUA e no Brasil?

É diferente. Nos EUA a *Queer Studies* já está muito institucionalizada, o que é uma grande crítica que se faz hoje. Todas as universidades têm um departamento de *Queer Studies*, LGBT, alguma coisa super institucionalizada. Professores são contratados exclusivamente para dar aulas sobre estes assuntos. No Brasil ainda é muito recente. Talvez a UFBA tenha um departamento forte de questões de gênero. Eu preciso voltar ao Brasil para ver onde isso está acontecendo. Departamentos, como nos EUA, não tem ainda. Isso muda a forma como a gente faz pesquisa, pois você tem uma conexão de professores. A institucionalização também muda a maneira como a gente faz pesquisa. Alguns teóricos *Queer* criticam essa institucionalização. Nos EUA as universidades são privadas, então você começa a mexer com essas questões de financiamento, do que queremos falar e do que se pode falar. Então são questões que precisam ser pensadas. E tem outras questões que os EUA tem se preocupado mais: os *transgender*. Eles têm se preocupado mais, academicamente e eu não tenho visto muita gente falando sobre isso no Brasil. É uma questão importante porque a gente vai trabalhar não só com gênero, mas com questões sociais, inclusive de gênero do discurso em termos linguísticos. Eu acho que essa é uma diferença, eu estando lá. Na verdade, eu nunca estou lá e nunca estou aqui, estou sempre no meio do caminho. Lá eu sou um pesquisador estrangeiro e aqui (Brasil), eu não sou um pesquisador nacional. Fico no meio do caminho.

Tem um artigo teu em que você traz a questão do espaço do “entre” e do “homem

afeminado”. Gostaria que você comentasse essas questões e também se esse homem afeminado acaba sendo mal visto justamente por ele se aproximar do feminino e pelo feminino ser considerado inferior ao masculino. Existe essa relação?

Eu gosto muito desse artigo, é um dos meus preferidos. Tem um termo que a gente usa: “efeminofobia”, que vem da ideia de homofobia, lesbofobia. Com essa ideia da efeminofobia, parto do princípio de que existe um preconceito gigante mesmo entre a comunidade gay com os homens afeminados. A fonte desse preconceito está na misoginia.

Porque se tem ainda aquele conceito que o Foucault falava nos anos 60, acho que no segundo volume da História da Sexualidade em que ele fala que “o preconceito ao homossexual é o preconceito à mulher”, porque a ideia que se tinha de homossexualidade era de que o homem recusava a masculinidade para assumir a feminilidade.

Era essa questão de olhar para o homem e falar assim: “como você tem coragem de abandonar isso para ser uma mulher?” Isso se transformou na efeminofobia que é esse pavor e essa ojeriza ao afeminado. Tem várias pessoas escrevendo sobre isso hoje em sites e *apps* de encontro: “não afeminados”, em inglês é “*no femmes*”. Temos que combater isso, é muito forte.

É preciso combater de uma maneira muito forte, porque esse preconceito afeta todos. Temos essa fantasia do macho, “do ser macho”, como se isso fosse melhor do que “não ser macho”. A princípio a gente tem que pensar o que é ser macho? Quem é esse macho? É o Antonio Fagundes dos anos 70?

Quem representa esse macho? E por quê? Porque ser afeminado é um problema? Quantas vezes se ouve de pais ou mães que falam: “não tem problema ser gay, mas eu preferia que não fosse afeminado”. Essa criação de um diagnóstico para o afeminado como um problema, a gente tem que combater isso.

Tem uma entrevista do Luiz Mott, um dos maiores ativistas gays do Brasil, uma referência para todo mundo, em que ele disse, em 2014 que, ele não gostava da representação dos gays na telenovela porque a maioria dos gays são másculos e nas novelas todos os gays são femininos. Essa afirmação é tão problemática, em tantos níveis, primeiro porque, como assim, a maioria dos gays são másculos? Quem são esses gays? O que é ser másculo? E qual é o limite do feminino? Isso é um modelo de efeminofobia, essa ojeriza ao feminino, que está ligada, no meu ponto de vista, a misoginia que temos, da crença de que a mulher é inferior ao homem, que é outra coisa que tem que ser combatida.

**Vi que você tem um trabalho com formação de professores. Como tem sido as discussões sobre a identidade de gênero entre os docentes? E o que seria a Pedagogia Queer?**

Pedagogia *Queer* é uma prática pedagógica que usa a teoria *Queer* como um arcabouço para tentar entender questões de identidade de gênero e orientação sexual nas nossas práticas pedagógicas como professores de todos os níveis, desde de crianças até adultos.

A recepção entre os professores é das mais variadas possíveis. Desde de professores que falam que isso é um exagero, que isso é frescura, que não precisa falar disso, até pro-

fessores que tentam lidar com isso. Ultimamente tenho trabalhado muito com professores de língua estrangeira, especialmente das línguas românticas; professores de francês, espanhol, italiano, árabe, pois também tem essas questões de gênero na língua. No árabe, até um verbo é marcado por gênero. Diferente das línguas românticas, no árabe até o verbo tem marcas de gênero! Os professores têm se interessado muito, pois essas pessoas entram com identidade não binária dentro da sala de aula e a língua não responde a isso. Então a gente tem que tentar pensar maneiras de como sendo professores de língua, trabalhar com isso, e como professores de maneira geral, que essas questões sejam incorporadas nessas discussões para que todos possam ser incluídos na prática pedagógica, para que não haja exclusão. Isso é importante que as pessoas entendam: o que é a identidade de gênero, o que é a orientação sexual, como lidar com isso. Entender que falar para uma pessoa que você é gay, não é ofensa. Isso tem que ser trabalhado desde criança. Isso não é uma ofensa e pode se entender como uma pergunta qualquer. Eu começo as minhas palestras e pergunto às pessoas: Você é brasileiro? Você é alto? Tem olhos verdes? Você é gay? De repente, o silêncio. É isso que a gente tem que quebrar, porque isso é uma parte da nossa identidade.

**Para retomar a questão da invisibilidade e visibilidade. Você disse que nos Estados Unidos, na academia já está muito bem formatada essa questão dos estudos *Queer* e que no Brasil ainda está caminhando. Na tua percepção, isso interfere também na visibilidade e invisibilidade no contexto social desses dois países? Se essa questão de estar mais estruturado na academia acaba interferindo no dia-a-dia das pessoas?**

Sim, claro. Por exemplo, os alunos de universidade nos EUA estão discutindo estas questões o tempo inteiro e isso acaba sendo levado para a vida social deles. Professores que estão querendo discutir isso e levando para todos os alunos que levam para a vida social. A universidade não está fora da vida social, ela é uma das partes da nossa vida social, então estar dentro da universidade, gera visibilidade de uma maneira geral.